

Editorial

Aos meus amigos, se me permitem alguma digressão... Talvez a beleza da dialética seja, não o estabelecimento de um ponto de chegada, mas, rascunhar generalidades de algum início. Sem saber, e com *um* mínimo, estranho e absurdo, fazemos aparecer, *emergir*, o que em algum momento pode vir a nos constituir. A difícil pergunta sobre que ponto de partida podemos estabelecer quando queremos saber algo, qual estatuto e extensão dessa partida, como cada novo emergente se relaciona com os outros e como se retro implicam.

Aquele menino ficou louco. Quando na tenra idade, brincava com nossos filhos na senzala, era amável, quieto, inteligente. Nós o tratávamos, e éramos correspondidos. Fizemos até uma festa quando seu pai, nosso senhor de engenho, anunciou que o pequeno iria para fora, como se referiam quando queriam dizer que iria para a Europa. Para fora... Aquele menino ficou louco. Voltou com ira nos olhos, possuído pela cólera. Nos batia, estuprou nossas filhas com quem crescera junto, nos roubou. Foi para fora e voltou faltando algo. Seu amor voltou-se para engenhos que não mais podíamos entender. Estava pior que o pai.

A Universidade para nós, no Brasil, é um evento recente. Por muito tempo, ela foi parte constituinte deste conjunto de relações, intencional ou não, que efetuam transformações em nossos modos de vida, e que proporcionam benesses para todo mundo, exceto para aqueles que se desconstituem quando tornam-se objetos desse conjunto.

Por exemplo, a primeira Universidade a implantar o sistema de cotas foi a UERJ – a mesma que hoje está por acabar – nos primeiros anos do nosso milênio. A UNB foi a segunda em 2004. $2000 + 4 + 2 + 4$ resulta em 2010. Se formos otimistas, os primeiros doutores têm 8 anos. Antes disso, um ou outro errante ia para *fora*. São 500 anos de desconfiança contra 8 de alguma coisa que ainda não se fez. Mesmo aqueles pequenos garotos que se consideram mais próximos daqueles que sempre estiveram se desconstituindo, não são o que somos. Eles são de fora.

Nós também somos. Por isso não sabemos a tarefa que nos cabe. Fomos para fora sem ter espaço na Casa Grande. Voltamos muitas vezes mais frouxos, preguiçosos, com um saber que apenas justifica nossa inanição. Enquanto aqueles que ficaram aprenderam a erguer casas de sucata, cultivar roças em lixões, ou, menos hiperbolicamente, viver com o resto arremetido

de volta. Os que ficaram sabem reconhecer que o lixo que jogam um dia foi o que sumiu quando foram desconstituídos. Nós – esses que foram para fora sem ter lugar para voltar – não sabemos. Vivemos em meio aos que estão sendo desconstituídos. Apesar de compartilhar o saber da desconstituição, falta-nos os meios e os modos. Que bom.

Não ter o que fazer, nesse caso, é um bom sinal. Mas que isso não seja uma racionalização boba que nos leva a inanição. Nosso problema é que os caminhos não foram traçados. Temos apenas oito anos.

Seguem os textos.